

Economia brasileira já reiniciou o crescimento

Rio — A produção industrial brasileira cresceu 3,96 por cento no primeiro trimestre deste ano em relação ao mesmo período de 83, segundo dados oficialmente divulgados ontem pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Fibge). Em março ocorreu uma queda de 4,03 por cento na produção industrial brasileira, devido ao carnaval que caiu neste mês. Já em fevereiro, mês costumeiro do carnaval e que não teve a festa este ano, a produção industrial cresceu 12,22 por cento. Em janeiro a produção cresceu 3,95 por cento.

Ainda segundo dados do Fibge, a indústria extrativa mineral, aí incluído o petróleo, teve no primeiro trimestre deste ano sua produção aumentada em 30,61 por cento, em relação ao igual período de 83. A indústria de transformação cresceu 3,08 por cento, em decorrência, principalmente, do desempenho dos seguintes setores: metalúrgicos (13,80 por cento), mecânico (13,84 por cento) e químico (9,85 por cento).

Na indústria metalúrgica, ainda segundo dados do Fibge, a siderurgia liderou o crescimento, registrando uma taxa de 27,26 por cento, que é atribuída ao bom desempenho das exportações desses produtos, cuja receita acumulada, segundo a Cacex, superou em 39,91 por cento o valor obtido nos três primeiros meses de 83.

A agricultura, pelos dados divulgados pelo Fibge, também contribuiu para o reaquecimento de alguns setores da economia, com o aumento de consumo de chapas galvanizadas, utilizadas, principalmente, nos galpões-silos para a estocagem de grãos.

Na indústria mecânica, destacou-se a área automobilística que cresceu 7,64 por cento, seguindo-se o de material de transporte, com 3,66 por cento. Na química, a área petroquímica atingiu a taxa de 6,83 por cento, enquanto a produção de outros produtos aumentou 12,05 por cento.

Menor taxa

O presidente João Figueiredo assinou decreto reduzindo a alíquota do Imposto Industrializado incidente sobre champanha, manufaturados de plásticos para construção civil, pastilhas de cerâmica para revestimento, tambores e toneis de ferro, partes e peças de aparelhos de fotocópia, crioscópio eletrônico digital para leite, brinquedos, artigos para divertimentos e festas (exceto jogos de azar), artigos de esporte (bolas e redes, tabuleiros e peças de damas e xadrez, artefatos de ginástica, parques infantis), anzóis, acendedores para fogão a gás e isqueiros comuns e bolsas plástica para ostomia e seus acessórios.

De acordo com exposição de motivos assinada pelos ministros Delfim Netto, do Planejamento, e Ernane Galvêas, da Fazenda, as elevadas alíquotas desses produtos acarretaram, nos últimos anos, acentuada retração no consumo dos mesmos, como demonstraram os respectivos fabricantes. "Por isso mesmo — assinalaram —, considera-se irrelevante a temporária redução da receita que a baixa das alíquotas acarretará, porquanto deverá eliminar a principal causa da inibição da demanda".

Comércio

Embora o comércio no Brasil ainda esteja com um desempenho abaixo da atividade industrial, já registra os níveis

verificados há três anos, com uma ligeira recuperação no primeiro quadrimestre em relação aos últimos dois anos, informou ontem o presidente do Grupo Fenícia, Jorge Simeira Jacob. Um dos principais fatores que influenciaram esse desempenho da atividade comercial foi o psicológico, pois o consumidor já sabe que "pior do que está não vai ficar".

Por outro lado, Jorge Simeira Jacob lembrou a mudança de perfil do consumidor brasileiro nos últimos três anos. O consumidor que não foi ainda aliado do mercado, isto é, aquele que ainda consome, só compra à vista ou a prazos mais curtos, abaixo de dez prestações, e, produtos estritamente necessários. Disse que as vendas de eletrodomésticos portáteis vende muito mais do que os de maior porte como geladeira e fogões.

Consumo

O consumo no País está caindo, conforme indicam os números da arrecadação de ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) de março, divulgados ontem pela Secretaria da Receita Federal. De março de 1983 para março deste ano, a arrecadação de ICM (principal fonte de receita dos Estados) caiu 12,7 por cento.

A maior queda foi registrada no Rio de Janeiro, de 21,1 por cento, seguida de São Paulo, 18,3 por cento, e Rio Grande do Sul, 15,8 por cento. Somente as regiões Norte e Centro-Oeste registraram índices positivos, com respectivamente 2,1 por cento e 2,3 por cento. A região Nordeste registrou queda de arrecadação de 4,2 por cento; a Sudeste de 17,4 por cento; e a Sul 8,4 por cento.